Lettie S. J.

Angélica e Lorenzo

Linhas do Destino – 1

Planeta

«O fim de uma coisa pode ser o começo de tudo.»

Prólogo

Angélica

Cidade do Porto, Portugal – Outubro 2013

Apressei o passo para chegar o mais rapidamente possível à escola e fugir ao frio, puxando o capuz para proteger o rosto.

– Vamos lá, Angélica! Já está perto – sussurrei baixinho, enquanto contava mentalmente os passos que faltavam para chegar.

Através das grades altas dos muros da escola já via os alunos atravessando o portão de entrada. Acelerei, e quando dobrei a esquina, senti o telefone vibrar no bolso.

– Oh, não, por favor! Não com este frio.

Por nada neste mundo queria tirar as mãos dos bolsos quentinhos, mas o telefone tinha opinião própria e ignorou o meu apelo, continuando a vibrar sem parar.

– Merda!

Senti vontade de bater o pé como uma criança birrenta, mas já era uma adolescente de quinze anos e ficava mal à minha imagem ter uma crise infantil agora. Vontade não me faltava!

Abrandei o passo e puxei-o só um bocadinho do bolso, o suficiente para ver quem era.

A minha mãe! Tinha de atender.

– Oi mãe.

– Oi amor! Já chegou à escola?

– Quase lá, mas está um vento horrível e fica ruim atender na rua.

Passei ao lado do pavilhão desportivo, que era o prédio mais isolado da escola. Só mais um pouco e ultrapassaria os portões da frente.

– É rápido – continuou ela e eu ouvi ao fundo o som de uma ambulância. – Hoje não almoço em casa. Mudaram-me o turno na urgência e só chego à noite. Liga se precisares de alguma coisa.

– Tudo bem, mãe. Fica tranquila. Te amo.

– Também te amo, pequenina. Beijo.

Quando ia guardar o telefone no bolso, ouvi o som de um baque no chão e um gemido de dor. Levantei os olhos e olhei em volta. Tinha a certeza que alguém dera uma queda.

Outro som estranho e mais um gemido de dor.

Apertei o telefone na mão e olhei para o muro do pavilhão da escola, sabendo instintivamente que tinha vindo de lá.

Grunhidos de dor, arrastar de sapatos, papéis rasgados, puxões e empurrões fizeram o meu coração disparar.

– Paneleiro! Medroso do caralho!

A voz arrogante e agressiva veio do espaço entre o muro e o pavilhão. Mas naquela parte onde eu estava o muro era inteiro, sem grades, não me deixava ver quem era.

Sabia que minha mãe teria um ataque de nervos se visse o que eu ia fazer naquele momento, mas retrocedi até ao sítio onde dava para ver o trecho entre o pavilhão e o muro. Aquele era o lugar a que os alunos mais velhos chamavam «corredor da morte».

Olhei nervosamente em volta e não vi ninguém a quem pudesse pedir ajuda. Aquela rua era normalmente pouco movimentada e confirmei que estava mesmo deserta.

Estimulada pelos sons de luta que continuavam, aproximei-me, enfiei a cabeça o mais que pude na grade e olhei para o canto.

– Oh, meu Deus! – murmurei, enojada.

Três rapazes estavam em pé ao redor de outro: no chão, com o casaco atirado numa poça de água da chuva que caíra de madrugada. A mochila aberta, com os livros espalhados. Algumas páginas dos cadernos haviam sido arrancadas e voavam ao sabor daquele vento glacial.

Olhei para os agressores, mas não deu para ver quem eram porque estavam de costas e tinham os capuzes dos casacos levantados. Mas identifiquei logo a vítima como sendo o Miguel, um dos meus colegas. Era tímido, calado, magro e inofensivo.

Quando o rapaz do meio, que parecia ser o líder, deu um chuto com a ponta da bota nas costelas dele, a revolta subiu-me pela garganta e reagi instintivamente, gritando.

– Parem!

Todos olharam para mim e engoli em seco.

Oh, Senhor! O que foi que eu fiz?

Reconheci imediatamente os três agressores e já sabia que não iam parar só por eu pedir.

Droga!

Muito mais por instinto do que conscientemente, comecei a filmar com o telefone, o rosto dos três agressores, o Miguel no chão e o caos ao redor. As mãos tremiam-me, num misto de medo, adrenalina e muito frio.

A minha mãe ia ficar toda stressada com aquilo, mas eu não podia simplesmente ignorar tudo e ir chamar alguém, deixando o Miguel sozinho naquela situação. Não dava tempo.

– Vocês estão dentro das instalações da escola. Se não se afastarem dele agora, este vídeo pode ir parar na direcção.

Fiquei orgulhosa da firmeza na minha voz, apesar de me sentir por dentro desfazer de medo.

Se fosse no Brasil, provavelmente isso seria um suicídio para mim, mas aqui em Portugal a violência ainda não era tão selvagem e incontrolável como lá. Eu arriscava salvar o meu amigo, porque a nossa escola era rigorosa e recebia tradicionalmente alunos de bom nível. Estávamos também numa cidade pequena e pacata, o que ajudava a manter a criminalidade mínima.

Mas sabia que nada evitaria receber algum tipo de represália depois. Esta certeza caiu-me em cheio no peito quando os meus olhos enfrentaram o olhar duro do líder.

Estremeci involuntariamente.

Mas que merda! Por que tinha de ser logo ele?

Os três ficaram paralisados ao verem-me a filmar, mas apenas o tempo necessário para se refazerem do choque. Logo, dois deles começaram a afastar-se em direcção ao prédio principal, mas o líder surpreendeu-me ao correr na minha direcção, com tanta rapidez que mal tive tempo de recuar e fugir ao seu alcance.

A sua mão voou através da grade de ferro em busca do telefone, mas só conseguiu segurar a ponta do meu cachecol, que flutuou no ar com a força do vento. Ele puxou-o com tanta força que senti o tecido apertar meu pescoço, asfixiando-me. Lutei para me soltar, mas ele continuou a puxar, arrastando-me na sua direcção.

E em breve me teria ao alcance da mão!

Levantei a perna e apoiei o pé no muro para travar o meu avanço. Atirei o telefone para a erva molhada e segurei o cachecol com as duas mãos. Dei um impulso rápido e girei para o desenrolar do pescoço. Quase caí para trás quando consegui, sentindo alguns cabelos a serem arrancados no processo.

Os olhos dele brilharam de ódio e a boca contraiu-se num esgar de fúria mal contida. Largou o cachecol no chão com raiva e apontou o dedo em riste para mim.

– Ameaçaste o gajo errado, ó brasileirinha! – rosnou com raiva.

Encarou-me com dureza por mais um segundo, fazendo-me recuar e estremecer de medo. Depois virou-se e foi calmamente atrás dos colegas, cuspindo no chão quando passou ao lado do Miguel.

Coloquei a mão no pescoço dorido e respirei aliviada, ao perceber que por enquanto estava salva.

Olhei para o telefone no chão. Agarrei nele, interrompendo a filmagem com mãos trémulas.

Naquele momento soube que a minha vida nunca mais seria a mesma. Eu tinha trazido o inferno para perto de mim!

1

Lorenzo

Tivoli, Itália – Abril 2003

Estava sentado no sofá que ficava em frente à lareira da sala, a ver como as minhas pernas tinham crescido e os meus pés tocavam o chão.

Já era grande! Tinha acabado de fazer sete anos.

Ouvi a minha mãe a conversar com o meu pai ao telefone e suspirei, triste. Sabia que estavam a falar sobre o que aconteceu hoje na escola.

– Acabámos de chegar a casa, Vicenzo. – Ela surgiu à minha frente e sentou-se ao meu lado no sofá macio. – Sim, já está tudo resolvido na escola. Só temos de ir à reunião com a directora.

Olhei para a sua mão esquerda, fechada em punho sobre o vestido azul. Sem pensar duas vezes, segurei-a com a minha. Ela olhou-me enternecida e sorriu, tranquilizando-me.

– Certo. Falamos melhor depois. *Ciao!*

Desligou a chamada e abriu-me os braços. Não hesitei em lhe saltar para o colo e aconchegar-me neles.

– *Mamma!* Estás triste comigo, com o que eu fiz?

Ela beijou-me os caracóis.

– Só um bocadinho. Já tínhamos conversado sobre o evitar brigas na escola.

Fiquei chateado comigo mesmo por não ter conseguido cumprir o que tínhamos combinado.

– Juro que me vou esforçar para não andar mais à briga! – prometi, e esperava desta vez conseguir cumprir a minha promessa.

– Acredito em ti e sei que te vais esforçar. – Olhou para mim com ar grave. – Mas a *mamma* precisa que tu leves a sério isto que vamos combinar agora, porque não quero dar-te mais remédios.

Eu já tinha ouvido os meus pais a discutirem sobre isso e sabia que ela era contra, só não percebia bem porquê. Mas se a mãe não queria que eu tomasse nada, então eu não queria tomar nada, porque isso não devia ser bom para mim.

– Não volto a fazer isto! – repeti a minha promessa, desta vez num tom mais decidido.

Ela sorriu e despenteou-me os cabelos escuros com as mãos macias.

– Não te preocupes, filho. Vamos conseguir. – Aconchegou-me mais no colo. – Vamos combinar o seguinte: sempre que te sentires nervoso ou agitado, vais respirar fundo e contar dez carrinhos a entrarem na garagem, cada um a estacionar no seu lugar.

Concordei com a cabeça e comecei a rir alto, lembrando-me de como treinámos a estacionar os carrinhos na garagem que criámos no chão do meu quarto.

– Mas vamos brincar outra vez, *mamma*? Assim é mais fácil lembrar.

– Oh, meu chantagista! – Fez-me cócegas na barriga, fazendo-me rir ainda mais. – Combinado! Vamos brincar mais logo. Mas por enquanto não digas ao *papà* que não tomas os remédios. Vamos fazer-lhe uma surpresa daqui a seis meses, quando provares que não precisas deles.

Fiquei sério, lembrando-me da discussão dos dois que tinha presenciado às escondidas. O meu pai gritou muito alto e disse que eu tinha de tomar os medicamentos para ficar mais calmo e prestar atenção às aulas. Senão ia ser um burro:

– Ele é o meu único filho e vai herdar as empresas da família! Preciso de um génio das finanças, e não de um energúmeno expulso da escola por esmurrar os colegas.

– Ele é muito inteligente! Tu ouviste o parecer do psicólogo que o acompanha na escola. – A voz da minha mãe estava inabalável. – O Lorenzo apresenta alguns sintomas leves de hiperactividade, mas nem isso é certo. Se o pusermos a fazer desporto, talvez não fique tão explosivo. Há outras formas de o tratar sem ser com remédios.

– O Aldo acredita que o tratamento do Dr. Antonelli é o ideal.

– O Aldo! Eu já não aguento ver o teu irmão a meter-se na nossa vida com as suas opiniões! O Lorenzo é nosso filho e nós os dois é que decidimos a vida dele. Não lhe vou despejar uma caixa de comprimidos pela garganta abaixo só porque o Aldo agora é especialista em psiquiatria!

– Não é o Aldo quem diz isso, mulher! – estoirou meu pai. – É o psiquiatra!

Ouvi a minha mãe bufar com impaciência.

– Falei com a médica da minha irmã em Portugal. Ela fez uma especialização no Brasil e sei que o Lorenzo ainda é muito novo para sabermos com exactidão o que ele tem. Seria necessário uma série de exames específicos para identificarmos se é algum tipo de transtorno ou apenas uma fase emocional que vai passar quando ele amadurecer mais.

– Uma fase emocional que dura há anos?

– Talvez dure para sempre, já que ele tem um pai que quase não lhe dá atenção e vive para a merda destas empresas!

– Amor em demasia enfraquece um homem – gritou o meu pai. – E não vou ter um filho burro ou que seja expulso da escola por ser violento!

Eu não queria ser burro!

Era certo que às vezes ficava nervoso quando estava preso dentro da sala de aula, mas não era sempre.

– E se o pai descobrir? – Não queria que ele discutisse e gritasse mais com a mãe.

– Não vai descobrir. E nunca te esqueças de tudo o que já conversámos. Nunca duvides que és capaz de vencer qualquer desafio. Basta manteres a calma e usares esta tua cabecinha esperta para resolveres tudo. – Encostou a ponta do dedo indicador à minha testa. – O segredo está em dominares os teus impulsos.

– Sim, *mamma*.

Ela sorriu e fez cara de quem ia contar um segredo.

– E também não te esqueças que há aquele anjo no céu para cuidar de nós. Eu tenho o meu e tu o teu. Lembras-te? – Beijou-me a ponta do nariz.

Passei os braços em volta do seu pescoço e aconcheguei-me melhor no seu colo.

– Eu lembro-me, *mamma*! Mas se é assim, porque até agora o meu anjo não me ajudou a ser normal?

Senti os seus braços apertarem-me, como se quisesse proteger-me do mundo.

– Tu és normal, Enzo! – Falou devagar, para eu registar bem cada palavra. – Nunca deixes de acreditar nisso e não permitas que ninguém te convença do contrário, entendeste?

Sei que ela falava do meu tio Aldo, irmão do meu pai. Foi ele quem descobriu o Dr. Antonelli, o médico de que a minha mãe não gostava. Sabia que também havia convencido o meu pai a me levar lá, mesmo contra a vontade dela.

Abanei a cabeça obedientemente.

– Então não sou mau por ter batido no Donato?

Hoje tinha-lhe dado um soco, atirando-o ao chão durante o recreio. Fomos os dois parar à sala da senhora directora.

Ela soltou um suspiro e vi como franziu a testa, ficando com uma expressão preocupada.

– Não devemos bater nos outros, isso é certo. Mas tu não és mau, só precisas de ajuda para controlares melhor os teus impulsos. Ainda és muito pequeno, mas vais aprender a dominá-los. E quando cresceres vais ser um grande homem.

– Eu não quero ser mau! Só quero ser grande e forte. – Estiquei as pernas para mostrar o meu tamanho. – Se eu for mau, então o meu anjo não me vai querer ajudar. Acho que eles só ajudam as pessoas boas.

– Olha que nem sempre é assim! E sabes porquê? – Ela sorriu, mostrando as covinhas que tinha nas faces alvas. – Porque ninguém é totalmente bom ou totalmente mau, e os anjos sabem disso. É por isso que eles nos ajudam sempre, mesmo quando erramos, para nós podermos aprender a acertar sozinhos e nos transformarmos em pessoas melhores.

Sim, isso tinha lógica! A minha mãe tinha razão!

– Eu quero aprender a ser bom e não volto a bater no Donato – jurei, dando-lhe um beijo no rosto. – Quero que o meu anjo cuide de mim!

O seu sorriso ampliou-se e vi uma luz diferente tomar conta do seu olhar. Ela pegou na minha mão esquerda, olhando para a palma com atenção e passando o indicador pela linha central.

– Oh, sim, belo rapazinho! Vejo aqui que vais encontrar o teu anjo e ela te há-de amar muito.

– Ela?! – perguntei, entre surpreendido e curioso. – O meu anjo é uma menina?

– Hum-hum – confirmou. – Uma bela *ragazza* que vai ficar contigo.

– Mas como vou saber que é ela o meu anjo? – De repente senti-me confuso. – Os anjos não vivem no céu?

– Claro que estão no céu, mas às vezes também estão na terra. Pode acontecer uma pessoa ser tão boa para nós que até se transforma no nosso anjo.

Tive um sobressalto ao entender tudo.

– Como tu és para mim?

Ela riu alto, deliciada.

– Exactamente. Como eu sou para ti e tu és para mim. – Abraçou-me os ombros magros, beijando-me os cabelos. – Vais saber quem ela é quando a encontrares.

Olhou para mim com o maior amor do mundo. Um amor que me encheu o coração de paz.

– Ela será a tua salvação, e tu serás a dela.

Lisboa, Portugal – fim de Agosto 2015

Caí de costas na cama e olhei para o tecto do quarto.

Estou cansado, porra!

Amanhã ia pôr-me à estrada e voltar para o Porto. As aulas começariam daí a menos de um mês e para mim isso ia acontecer numa nova escola. Aquele era o meu último ano antes da universidade e desta vez estava disposto a vencer tudo e todos para alcançar os meus objectivos. Agora era vencer ou vencer. Para mim não havia mais espaço para meios-termos.

Fechei os olhos e lembrei-me dela. A única pessoa que havia acreditado que eu podia vencer, mas que partiu. Desde então, parece que mais ninguém neste maldito mundo conseguia fazer com que me sentisse completo.

Sentia falta de ouvir o seu riso alegre quando me abraçava após cada pequena vitória que eu conseguia, após cada mínimo esforço que fazia para pôr o meu mundo em equilíbrio. Ela era a única que me acalmava quando eu deitava cá para fora o inferno que ia dentro de mim e agredia quem estivesse no meu caminho.

Fui uma criança emocionalmente explosiva e, apesar de ter uma inteligência acima da média, o meu percurso escolar foi de altos e baixos. Sempre que achava que estava tudo normal, um novo episódio de agressão surgia do nada e deitava abaixo todo meu esforço. E ela sempre lá, a dar uma explicação para tudo.

Para mim, a minha mãe é que era o meu anjo! Mas se ela dizia que havia um outro, eu só podia acreditar. Já tinha dezanove anos e ainda não tinha encontrado nenhuma miúda especial que fosse aquele anjo de que ela tanto falava.

Olhei para o meu *labrador*, estirado preguiçosamente ao lado da cama. Estendi a mão e acariciei-lhe as orelhas macias, vendo-o abanar o rabo alegremente.

– Nada de passear hoje, amigão! Com a viagem amanhã, vamos ficar hoje em casa e tentar relaxar de outra forma.

Tinha pouco mais de um ano, mas crescia rapidamente. A tia Teresa ofereceu-mo alguns meses após a morte da minha mãe e fez-me um bem incrível com aquele gesto.

– Vai ser uma longa viagem, *Thor*! E não vais gostar nada de ficar preso no carro tanto tempo.

Peguei no telefone e digitei uma mensagem para o Pedro.

Confirmado amanhã às oito?

A resposta não demorou.

Sim, pá! Vem me buscar a casa. E não deixes o parvo do cão sentar-se no meu lugar!

Comecei a rir, porque *Thor* fazia sempre uma tremenda festa quando o via. Não hesitei em enviar uma resposta.

Vocês que são cães que se entendam :)

Como esperava, ele não disse mais nada.

Abri a gaveta da mesa-de-cabeceira em busca do comando da aparelhagem de som. Lá dentro vi a caixa do alprazolam, peguei nela e

atirei-a para dentro da mochila. Tinha de levar a merda do medicamento comigo.

Peguei no comando e coloquei uma das minhas bandas de *rock* favoritas, que costumava ouvir com a minha mãe. Logo começou a tocar *Angel,* dos Aerosmith.

Anjo, estou sozinho, não sei se consigo encarar a noite. Baby, tu és o meu anjo, vem salvar-me esta noite. Vem e põe tudo bem.

Pus a música em repetição automática e fechei os olhos. Mesmo sentindo o sono a chegar, lembrei-me das palavras da minha mãe.

«Nesta tua vida vais encontrar um anjo. Ela será a tua salvação e tu serás a dela.»